

# ANDRÉ BRETON: A EXPLORAÇÃO DOS CAMINHOS DA AVENTURA MENTAL

Robert Ponge

André Breton nasce em 1896. Aos 13 anos, seu encontro inicial e decisivo com a poesia: esta torna-se “o centro de sua vida” (Marguerite Bonnet). Em 1913, aos 17 anos, redige alguns poemas espelhados em Baudelaire e no primeiro Mallarmé. No ano seguinte, começa um rico relacionamento, que se transformará em amizade, com Valéry (“o grande enigma”) e com Apollinaire (o “piloto do coração”); fascinado, descobre a obra de Jarry (“o mestre de todos nós”) e, sobretudo, do fulgurante asteróide que “revolucionou a poesia”: Rimbaud; é também, e a contragosto, iniciado na deprimente carnificina da Iª Guerra Mundial; atua nos serviços de saúde, o que lhe permite, em 1916, num hospital, tornar-se amigo de Jacques Vaché (o “mestre” do humor, um raro exemplo de “resistência absoluta” à *doxa* e a todo o resto). Em 1917, inicia uma proveitosa correspondência com Reverdy e, novamente num hospital, cria uma profunda amizade com Aragon, o qual lhe revela a existência da obra de Lautréamont (“apocalipse definitiva”).

Todo esse intercâmbio, essas experiências e, principalmente, a mensagem revolucionária de Jarry, Rimbaud e Lautréamont o levam a colocar em dúvida muito do que tinha aprendido sobre a poesia e a vida. A chegada a Paris do n° 3 da revista *Dada* (com o “explosivo” *Manifesto Dadá 1918*) confirma seus questionamentos. Em 1919, sua reflexão e amadurecimento desembocam nas linhas diretrizes gerais de um projeto de existência que desenvolverá sem cessar e cujos princípios nunca abandonará: um “não-conformismo absoluto”, a firme vontade e decisão de “praticar a poesia” — sendo essa entendida como uma forma de sentir, de pensar, de viver e como um modo de conhecimento que implicam uma intensa exploração dos caminhos da aventura mental. Com exceção do período da negação dadaísta (1919-1922), esta exploração confunde-se por inteiro com a aventura surrealista — empreendimento coletivo que encontra sua expressão em obras individuais e num movimento (com reuniões, intercâmbios, decisões, posicionamentos, ações, revistas, documentos coletivos, etc.) para cuja organização e expansão internacional Breton dispense uma grande parte de seus esforços.

Qual foi, resumidamente, a contribuição de Breton ao surrealismo?

Junto com seus demais companheiros, empreende uma série de pesquisas: descoberta do automatismo e de seus poderes, experimentações com o emprego do sono induzido, transcrição de relatos de sonhos, reflexão sobre as antinomias vigentes no senso comum e recusa a dobrar-se diante de sua pretensa inevitabilidade, investigação das relações entre os sonhos noturnos e a atividade diurna do espírito, pesquisas sobre a loucura, sobre os objetos, sobre o acaso, etc., exaltação, defesa e ilustração de certos valores como o amor, a liberdade, o humor, etc.

Simultaneamente a essas pesquisas (descritas e analisadas em vários ensaios, entre os quais destacam-se "Entrée des médiums", "Les Mots sans rides", *Les Vases communicants*, *L'Amour fou*, *Arcane 17*, *Anthologie de l'humour noir*, etc.), Breton escreve textos que podem ser classificados como poesia (no sentido estrito e costumeiro do termo): relativamente pouco numerosas (Breton não sentia nenhuma compulsão de publicar) mas de grande densidade e força, suas brochuras e coletâneas têm por títulos: *Les Champs magnétiques* (1920), *Clair de terre* (1923), *Poisson soluble* (1924), *L'Union libre* (1931), *Le Revolver à cheveux blancs* (1932), *L'Air de l'eau* (1934), *Fata Morgana*, *Les États généraux* (1942), *Ode à Charles Fourier* (1947), *Constellations* (1959), *Le La* (1961), entre outras. Sem esquecer títulos como o célebre *Nadja* (1928) ou *Martinique charmeuse de serpents* (1948), é imperioso ainda assinalar os manifestos (1924, 1928, 1929, 1935, 1941, 1942, 1955) e os textos coletivos que apresentam balanços do movimento surrealista e desenham perspectivas para este. A obra de Breton constitui um dos maiores testemunhos de que no surrealismo e "através dele efetua-se a fusão do real e do imaginário, da poesia e da vida" (M. Bonnet).

Concomitantemente com sua produção poética e teórica e com seu trabalho de organização do movimento surrealista, Breton desenvolve uma intensa atividade política e social em favor da defesa e da emancipação dos oprimidos e explorados. Inicialmente, de braços dados com o Partido Comunista; separado deste e em oposição a este a partir de 1935, quando convence-se da natureza stalinista dos PCs. Porém sem abrir mão de seus ideais libertários nem abandonar o marxismo, que ele se recusa a encarar como um dogma. Na segunda metade dos anos 30, situa-se na linha de frente daqueles que, com rara coragem, ousam denunciar sem piedade tanto a barbárie fascista como o despotismo stalinista e a farsa dos Processos de Moscou; depois da IIª Guerra, condena e combate com o mesmo vigor tanto as violências e os crimes cometidos pelos defensores do "Ocidente" (guerras da Argélia, do Vietnã, etc.) como o socialismo de caserna vigente do outro lado da "cortina de ferro" e o séquito de arbitrariedades e de repressão (até com banhos de sangue: Hungria e Polónia em 1956) que o acompanham. Breton e seus companheiros não poderiam contemporizar com os inimigos da liberdade, pois o desejo e a reivindicação radicais de liberdade em todos os domínios — "liberdade cor de homem" concebida "não como um estado mas como uma força viva que permite uma progressão contínua" —

encontram-se na origem, constituem o próprio pilar fundamental e primordial do surrealismo ("Apenas uma palavra — liberdade — consegue ainda [nos] exaltar", "É preciso desembocar numa nova declaração dos direitos do homem").

Breton nasceu em uma aldeia do oeste da França; aos quatro anos de idade, é levado a Paris, cidade onde passa o resto de sua vida e que ama com intensa paixão. Não deixa por isso de demonstrar interesse por outros lugares e de viajar. Para divulgar seu ideário (1922: Barcelona; 1934: Bruxelas; 1935: Praga e Tenerife; 1936: Londres; etc.), para sua subsistência material (1938: ciclo de palestras no México; aproveita a viagem para encontrar Leon Trotski, asilado naquele país, e redigir com ele o histórico manifesto *Por uma arte revolucionária independente*), para fugir da repressão do regime pró-nazista de Vichy durante a IIª Guerra (fuga que passa pela Martinica, onde descobre o magnífico poeta negro Aimé Césaire, e por Santo Domingo, onde concede a E. F. Granell a entrevista reproduzida *supra*, até alcançar os EUA onde permanece asilado até o final do conflito mundial). Após 1945, praticamente não viaja: a intensidade e qualidade da aventura mental não se mede nem é proporcional à quilometragem acumulada em trens e aviões.

Breton falece em 1966. Na pedra de seu túmulo, foi gravada uma frase em que se autodefine e que concentra o caminho por ele trilhado: "Busco o ouro do tempo".